

REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO PLANALTO NORTE DE SANTA CATARINA

Maria Luiza Milani¹
Gilson Ribeiro Nachtigall²
Juliano Gil Nunes Wendt²

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir alguns desafios para o desenvolvimento regional do Planalto Norte de Santa Catarina. Realizamos um resgate histórico da região, abordando sua colonização, ciclos produtivos até chegarmos na abordagem atual de desenvolvimento, analisando prováveis causas e explicações para a estagnação do desenvolvimento da região e altos índices de pobreza que o território enfrenta.

Palavras chaves: desenvolvimento regional, territorialidade, relações sociais

Abstract

This article has as objective to argue some challenges for the regional development of Planalto Norte of Santa Catarina. We carry through a historical rescue of the region, approaching its productive settling, cycles until arriving in the current boarding of development, analyzing probable causes and explanations for the stagnation of the development of the e region high indices of poverty that the territory faces.

Keywords: regional development, territoriality, social relations

O atual estágio de desenvolvimento do Planalto Norte Catarinense comprova que o território é síntese de sua colonização, pois sua realidade sócio, política e econômica difere do contexto catarinense, onde as diferenças regionais são visíveis e o elo de intersecção entre elas, em vezes, é apenas o pertencimento federativo. Nesta esteira, a partir do grau e da diversidade de pobreza, que caracteriza a ordem estabelecida, os

¹ Profa. Dr^a. em Serviço Social, Universidade do Contestado – UnC, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional

² Prof. Dr. em Ciências Agrárias, Universidade do Contestado – UnC, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional

³ Prof. Dr. em Engenharia de Produção, Universidade do Contestado – UnC, Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional

problemas econômicos foram se acumulando e culminam em problemas sociais, sendo, todavia, ingênuo atribuí-los somente à economia.

O desenvolvimento e a colonização do território catarinense se intensificou a partir da metade do século XIX, principalmente com o advento da República pela exploração agrícola nos vales litorâneos. Notadamente estes vales passaram a produzir arroz pelos colonizadores italianos, iniciando os ciclos produtivos, econômicos e sociais (CABRAL, 1994). Outros produtos desta colonização que passaram a fazer parte da comercialização e exportação foram a madeira, a farinha de mandioca, o açúcar, o fumo, banana, com grande destaque para a erva-mate, que representou um alto valor comercial entre os diversos produtos exportados.

Destes conhecimentos pode-se verificar que o processo econômico produtivo colonizador do território catarinense foi marcadamente agrícola, até o começo do século XX. Os produtos primários geraram novos capitais que criaram as condições de desenvolvimento em Santa Catarina.

O ciclo da madeira adentrou ao quadro econômico catarinense, a partir do início do Século XX, passando por uma recessão (1915-1916), em virtude da retração do comércio com a região do Rio da Prata. Depois de 1922, ocorreu um expressivo aumento motivado pela incorporação do extremo-oeste nesta atividade. (PIAZZA & HUBENER, 1983).

A colonização das terras do Planalto Norte data de 1768, cujas expedições bandeirantes desceram os rios Iguaçu e Negro e identificaram os rios Canoinhas, Paciência e Timbó. Que se efetivou com a construção da estrada de ferro interligando os estados de São Paulo a Rio Grande do Sul, com o objetivo de transportar gado. Estes processos foram responsáveis pela fixação dos colonizadores na região de Canoinhas. (Plano de Desenvolvimento-Canoinhas, 1998, p. 9). Entre estes colonizadores se encontram os imigrantes alemães, poloneses, italianos, ucranianos, sirio-libaneses e suíços, a partir de 1891.

No Planalto Norte, a experiência concreta da colonização e da organização desse território, ocorreu da prática exploratória da madeira e erva-mate, por colonizadores que não se conformaram com o espaço conhecido e dominado.

Migraram para a exploração de outros territórios em busca de novas formas de trabalho e de vida, com novas relações de produção e de convivência social.

Sem que se sobreponha aspectos da cronologia histórica, o território do Planalto Norte é conhecido também como parte da região do Contestado. Esta referência deve-se ao movimento social messiânico e político, que interferiu na definição das características sociais, políticas, culturais e étnicas dessa região.

O movimento do Contestado³, para historiadores, assemelhou-se à revolta de Canudos. Foram às notícias de Canudos que de certa forma, incentivaram a organização no contestado, ocorrido na região da fronteira entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina, dividido pelo Rio Iguaçu. (FERREIRA, 1985). Um dos fatores da origem deste movimento atribui-se a disputa por territórios entre estes dois estados.

Encontra-se na base desse movimento, um conjunto das contradições socioeconômicas, geradas na demarcação de terras para as empreiteiras de construção da ferrovia. Esta demarcação gerou conflito entre os caboclos e posseiros do território com as empresas empreiteiras.

Esse território foi e é caracterizado por ciclos produtivos baseados na agricultura, pecuária e na agroindústria. Estes ciclos sofrem as interferências das políticas internas do mercado brasileiro e das normas econômicas mundiais. São estes ciclos que dão a base econômica e social do território do Contestado.

Nesta breve caracterização podem ser apontados três aspectos da organização produtiva, básicos para explicar a exploração, desenvolvimento e consolidação das características atuais do contexto territorial do Planalto Norte Catarinense.

A agricultura e pecuária, apesar de atividades importantes para a economia, não representam por si cenário expressivo no atual estágio do desenvolvimento local e regional, devido a não agregação de valor aos produtos, porém, as explorações da madeira e da erva-mate (nativa ou plantada), ainda representam a principal atividade econômica. E o setor secundário, madeireiro, papelero e moveleiro, são os mais importantes para economia regional, sendo que sua matriz produtiva é de áreas

³O conflito do contestado envolveu cerca de 20 mil pessoas, entre sertanejos sem terras e tropas militares. Durou cerca de dois anos, entre os anos de 1912 a 1916. (AFONSO, 1994). Como movimento messiânico é atribuído aos místicos monges José e João Maria, tidos como milagreiros, grande parte da luta do Contestado.

reflorestadas com essências de crescimento rápido como o *Pinus* spp. O setor terciário como um todo é incipiente.

Assim, o esgotamento do sistema extrativista, que beneficiou os “coronéis” da madeira e da erva-mate, não só alijou as fontes naturais da riqueza econômica, como também, adormeceu uma capacidade política de reorganização e reestruturação e de tímida mobilização que vem sustentando um quadro de desigualdade regional em relação a outras regiões do Estado de Santa Catarina e mesmo da região Sul do Brasil. Dessa forma, reitera-se que as desigualdades não são apenas materiais, mas são, em especial, culturais e políticas, ou seja de capital social.

Dados de pesquisa do Governo do Estado de Santa Catarina revelam preocupantes índices de empobrecimento no Contestado. O quadro dos municípios que compõem o território do Contestado (53), demonstra um indicador de 38,9% (26,6% - 51,2%) de empobrecimento. Os maiores índices estão no Planalto Norte Catarinense. Nesse espaço, composto por 07 principais municípios, a pobreza é expressa pelo indicador médio de 41,5% de pessoas consideradas pobres. Já na microrregião de Canoinhas (Atlas Escolar de Santa Catarina, 1991) composta por 11 municípios, as pessoas consideradas pobres são em média 56,4% da população, por exemplo, o índice de analfabetismo dos adultos é em média de 10%. Essa realidade de pobreza acentuada nesse território é preocupante de modo a merecer intervenção especial.

Conforme evidenciado nestes breves aspectos, há que se refletir sobre o atual estágio de desenvolvimento que preocupa sobremaneira a sociedade local/regional. Tem-se uma base histórica a qual revela um processo social intenso de colonização, que se preocupou com o acúmulo de riqueza sem que se tivesse constituído ao par disso uma sociedade forte em termos de capital social.

O processo histórico revela que cada classe formada por determinações socioeconômicas tem procurado, à sua maneira, ultrapassar sua posição. No entanto, a perda maior tem-se mostrado no lado do trabalhador urbano e rural, dos pequenos e médios proprietários, que têm se transformado cotidianamente em grupo frágil e dependente das políticas públicas. A inexistência de uma força na aglutinação desses segmentos, para superação dessa condição e dependência, é influenciada pela fragilidade do planejamento e descontinuidade das ações públicas. Essas causas

promovem e intensificam os problemas socioeconômicos, políticos e culturais, e constituem-se em desafios postos aos governos, pesquisadores e à sociedade de modo geral.

A consideração das diferenças regionais, ignoradas pela visão unitarista do Estado, e a incorporação de novos atores identificados com os problemas de suas regiões têm sido objetos de consenso nas análises sobre os problemas do desenvolvimento regional e na formulação das políticas públicas.

Tais circunstâncias exigem renovado esforço de reflexão no campo das ciências sociais e ações compartilhadas entre as ciências humanas, exatas e naturais, cujo movimento vêm sendo marcado por pressupostos investigativos, tais como: 1) o questionamento em torno do modelo hegemônico de desenvolvimento econômico; 2) a reavaliação dos papéis do Estado e da sociedade civil; 3) a consideração de aspectos extra-econômicos na promoção do desenvolvimento e, 4) a avaliação sobre a eficiência e a eficácia dos processos decisórios e da formulação e execução de políticas públicas, para a emergência de novos ambientes na promoção da sustentabilidade e dos equilíbrios regionais.

A estagnação do desenvolvimento evidenciou-se na década de 1990 e o ambiente econômico mundial marcou uma nova etapa no processo de expansão capitalista e de reformulação do papel do Estado e forjou um cenário de novas e crescentes dificuldades relacionadas ao desenvolvimento dos países periféricos, regra esta aplicada à América Latina. A globalização interferiu nas concepções dos territórios e por isso se pensar em desenvolvimento regional se torna mais complexo.

Nesse cenário, o modelo de desenvolvimento estabelecido em países periféricos como o Brasil foi, em larga escala, tomado pela centralização e intervencionismo estatal. Embora tenham promovido expressivos índices de crescimento, as políticas econômicas vigentes não foram capazes de promover a desconcentração de renda, mas de esporádicas criações de ambientes auto-sustentáveis. Além disso, sendo um processo tipicamente urbano-industrial, gerou acentuados problemas como a evasão rural e os desequilíbrios demográficos e ambientais, que configuraram um quadro social indesejável, todavia, inerente à lógica estabelecida historicamente.

Um dos desdobramentos do processo de globalização é a tendência de se fortalecer os espaços locais, procurando privilegiar os projetos econômicos auto-sustentáveis que garantam a preservação da cultura e do meio ambiente, e que venham, de alguma maneira gerar empregos e, conseqüentemente, renda. Os programas de desenvolvimento local surgem atualmente, como alternativa viável para a sustentabilidade. Ou seja, é um processo de aproveitamento dos recursos e das riquezas de um determinado local ou região, onde os quais podem ser valorizados e transformados, através do efetivo envolvimento da população e da participação competente de organismos governamentais e não governamentais.

Neste desenvolvimento, atribui-se importância às experiências de organizações e ações populares, e estas permitem definir conceitos, inclusive do próprio desenvolvimento. Dando uma importância fundamental a sua história e cultura, pois incentiva o desenvolvimento através de dinâmicas sociais “endógenas” em que os próprios habitantes de uma comunidade conseguem potencializar uma série de recursos, forças e capacidades próprias.

Os resultados que se esperam desse processo é a melhoria da qualidade de vida da população, através da geração de empregos, renda, acesso à saúde e educação, pois o desenvolvimento local é uma nova maneira de olhar e promover o desenvolvimento de comunidades humanas, pela integração, da educação, cooperação, compaixão, solidariedade, participação, democracia, direitos institucionais, oportunidades eqüitativas para o acesso as informações, saúde, trabalho, políticas ambientais racionais, eficiência econômica, com o incremento das ciências e tecnologias (FRANCO, 2000).

Em um território no qual o cenário evidencia um estado de desigualdade e de vulnerabilidades dos diferentes segmentos e setores, é preciso que essas se traduzam em demandas que, por sua vez, poderão se transformar em reivindicações, através de uma ação coletiva. Essa ação coletiva adquire força social pelo nível de capital social constituído, com visões de desenvolvimento incorporadas, sem as quais as coletividades não adquirem expressão.

Para que as lutas sociais subsidiem processos de desenvolvimento, a apreensão dessa realidade social deverá capacitar os sujeitos e fornecer dinâmica reativa de enfrentamento das estagnações.

Recuperando-se do processo histórico que demarca a atual realidade do Planalto Norte Catarinense, identifica-se a presença pontual em determinados momentos do envolvimento da população em lutas que alteram a realidade social. Passados noventa anos do movimento do Contestado, não se reconhece outro espaço coletivo no qual as relações sociais e políticas tivessem produzido respostas às demandas postas à sobrevivência humano social nesse espaço territorial.

A qualidade do capital social necessário para alterar os quadros presentes nesses territórios deverá ser aquela que caracteriza os movimentos sociais que questionam as realidades e as estruturas em que estão inseridos e propõem novas formas de organização à sociedade política (GOHN, 1997. p. 12).

Um dos aspectos que se torna desafio para os segmentos que produzem as reflexões acerca do capital social, refere-se a quantidade das relações sociais produzidas. Atualmente as expressões da capacidade relacional que o terceiro setor caracteriza, evidencia que onde há escassez de capacidade política de participação os processos sociais de desenvolvimento estão interrompidos e o território do Planalto Norte apresenta quadro preocupante de pobreza.

Mesmo com esse cenário propenso a que se tivesse um processo de desenvolvimento continuado, nem sempre as regiões que fornecem melhores condições para o desenvolvimento econômico e produtivo, impedem a geração de diferentes configurações da desigualdade que interferem na qualidade de vida das populações.

As imagens de desenvolvimento ideologicamente produzidas sobre as potencialidades econômicas dos territórios, em que outros aspectos se tornam emergentes no entendimento de uma sociedade, pouco têm sustentado o real quadro de desenvolvimento de uma sociedade.

Referências bibliográficas

AFONSO, Eduardo José. **Guerras e Revoluções Brasileiras – O Contestado**. São

Paulo: Editora Ática, 1994.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. 4 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. 9 ed. São Paulo: Ática, 1985.

FRANCO, Augusto de. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. Instituto de Política Millennium, Brasília (DF), 2000.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997

PIAZZA, Walter Ferando e HUBENER, Laura Machado. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

Planos de Desenvolvimento Municipal dos Municípios de Canoinhas, Três Barras, Porto União/SC. Florianópolis: SEBRAE-SC, 1998.

Secretaria de Estado de Coordenação geral e Planejamento, Subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatísticos. Atlas escolar de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Aerofoto Cruzeiro, 1991.